

EDITORIAL

YERUSHALAIM

“Não haverá mais luto, nem pranto, nem dor, porque tudo isso já passou” (Apoc. 21, 4).

“Se você entrar numa igreja, tire o chapéu. Se entrar numa sinagoga, bote o chapéu. Se entrar numa mesquita, tire os sapatos.”

Estas foram as recomendações que um guia fazia a um grupo heterogêneo de turistas à Terra Santa. Foi a forma de lembrar que estavam num lugar sagrado para as três grandes religiões monoteístas e, mais, que convinha ao visitante reverenciar as religiões. A sua e a dos outros. Apesar dos diferentes modos de adoração, o Deus é o mesmo.

A história de Jerusalém começa com o sacrifício de um carneiro que Abraão ofereceu a Deus, em substituição à vítima que seria seu próprio filho, Isaac, segundo o Gênesis, ou Ismael, segundo o Alcorão.

Esta divergência, que ainda persiste por quatro milênios, tem sua origem na promessa divina a Abraão de uma descendência numerosa como as estrelas do céu e as areias da praia.

Sendo Sara estéril, ela ofereceu a seu marido sua escrava egípcia, Agar, que lhe deu o filho Ismael. Mais tarde, superando milagrosamente a velhice e a esterilidade, sua mulher Sara deu-lhe o filho Isaac.

Não é difícil entender a animosidade entre as duas mulheres, culminando com a rejeição de Agar. O que é difícil de entender é que pessoas cultas, como se supõe sejam os dirigentes das grandes potências ocidentais, esquecerem que a raiz das divergências do Oriente Médio está justamente nisso: israelitas e ismaelitas brigam pela herança do pai comum, Abraão.

A terra que lhes foi destinada, Canaan, é reivindicada por judeus e palestinos. Não sendo considerado o elemento religioso como determinante do litígio é impossível propor qualquer acordo. A lógica dos ocidentais não inclui a dialética das teocracias orientais.

“Yerushalaim” quer dizer “vejam a paz”. “Yeru” ver, enxergar, observar; “shalaim”, derivado de “shalom”, paz, e de

“shalem”, completo, pleno. Aliás, “shalaim” está na forma de plural; plural de “shalom”, paz, plural de “Shalem”, pleno, completo. É um modo de se expressar enfaticamente, isto é, referir-se a uma paz, segura, forte, completa. E, segundo uma tradução da Bíblia, Abraão deu nome ao lugar: “Jeová Yeri” que deveria significar “Deus providenciará”. A tradução está incompleta. Providenciará o quê? A paz. “Shalaim”. Acontece que Abraão, liberto do pesado encargo de sacrificar seu filho, quis dar ao lugar o nome de uma paz permanente.

Sua aspiração, contudo, está por se realizar, sabe-se lá quando.

A história de Jerusalém sempre foi sacudida por sangrentas guerras. Já foi invadida, dominada e/ou destruída por persas, gregos, romanos, árabes, cruzados franceses, franceses napoleônicos, otomanos, ingleses...

Seus habitantes já foram tangidos como escravos para o Egito, para a Babilônia e dispersos pela diáspora.

E a paz?

Onde aquela paz na forma de plural, querendo dizer extensa e intensa, do “shalaim” que lhe está no nome como a lembrar a sua vocação?

O seu significado transcendental só é entendido por judeus, por ser o lugar para a libertação messiânica, por cristãos, porque lá se realizou a promessa com a vida, morte e ressurreição de Cristo, por muçulmanos porque é o terceiro lugar mais importante do islamismo, depois de Meca e Medina.

Durante a dominação árabe em Jerusalém foi construída uma mesquita no entorno da rocha sobre a qual Abraão iria imolar seu filho. Logo abaixo há o que sobrou do templo de Salomão, o muro chamado “das Lamentações” onde os judeus vão rezar e não raro se manifestam por bilhetes nos vãos das grandes pedras que o compõem. Também o Papa João Paulo II esteve lá, rezou e depositou o que escrevera para a ocasião.

Além do aspecto religioso, há o estratégico. Situado entre Egito e a Mesopotâmia, a faixa entre o rio Jordão e o Mediterrâneo é a passagem obrigatória de comunicação, seja para o comércio, seja para a guerra. Para a área convergem, do Leste, os partos que destruíram o Templo e os selêucidas que pilharam o Tabernáculo e levaram os tesouros que o guarneciam. Do Sul, vieram os egípcios. Do lado do mar aportaram os filisteus e os fenícios. Isso sem contar os inúmeros inimigos de suas redondezas.

Sempre foi assim. De todos os lados convergiam caravanas de comércio, de peregrinos ou de soldados para vender, rezar ou dominar aquele recanto que, nos mapa-múndi da Idade Média mostravam Jerusalém como centro do mundo.

Mas a aspiração de paz duradoura de Abraão deverá um dia se realizar, já que muitas das previsões de sua época já se realizaram, tanto pela palavra dos profetas como pelas narrativas do Evangelho. E esta paz anunciada foi sempre adiada por fundamentalistas que não concorreram de modo algum para sua concretização, impondo sempre a exclusão de seus adversários nesta multimilenar briga de família.

Duas atitudes devem ser tomadas. Esperar como os profetas paciente e ansiosamente esperaram e nunca impedir as possíveis aproximações.

Um dia acontecerá. Nem que seja no último dia. Este, aliás, foi previsto no Apocalipse (21,2 ss).

“Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, formosa como a esposa ornada para seu esposo...
...Não haverá mais luta, nem pranto, nem dor, porque tudo isso já passou.”

Sérgio Almeida de Figueiredo